

O PAPEL DO BRICS NA ASCENSÃO CHINESA NA ECONOMIA-MUNDO CAPITALISTA

ESTER GRUPPELLI KURZ¹; WILLIAM DALDEGAN²

¹*Universidade Federal de Pelotas – gruppelli.kurzester@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – william.daldegan@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Partindo da conceitualização sobre os sistemas-mundo e da configuração da economia-mundo capitalista que WALLERSTEIN (2011a, 2011b, 2011c) apresenta, ARRIGHI (1996) aponta que o capitalismo é caracterizado por uma série de Ciclos Sistêmicos de Acumulação (CSA), que consistem em fases de crescimento econômico, seguidas de períodos de crise e reorganização. Cada novo CSA é marcado por uma mudança no centro de acumulação do capitalismo mundial, que é o ponto geográfico onde ocorre a maior parte da acumulação de capital e a inovação tecnológica mais avançada. Assim, em cada ciclo um país exerce hegemonia no Sistema Internacional, ou seja, ocupa uma posição de liderança política e econômica em relação aos demais no sistema mundial.

Após a Primeira Guerra Mundial, o centro de acumulação do capitalismo mundial se transferiu para os Estados Unidos. Esse período, caracterizado como o longo século americano, durou até as Crises do Petróleo na década de 1970, quando os Estados Unidos enfrentaram problemas econômicos, como inflação e desemprego crescentes. A partir desse momento, o centro de acumulação do capitalismo mundial começou a se deslocar para a Ásia Oriental, principalmente para a China, que se tornou um importante centro de produção e inovação tecnológica (ARRIGHI, 1996, 2008).

Por isso, o objetivo da presente pesquisa é investigar como o BRICS contribui para a atuação da China na economia-mundo capitalista num movimento de transição hegemônica. A hipótese a ser testada é se o BRICS é uma das formas pelas quais a China pode construir consenso internacional. A construção de consenso internacional é uma das características que ARRIGHI (1996) aponta como necessárias a um *hegemon*.

A partir da abertura econômica chinesa iniciada pelo Partido Comunista da China (PCC) na década de 1970, a Política Externa do país passa por transformações. Pequim começa a estabelecer relações diplomáticas com outras nações além daquelas socialistas, ingressa na Organização das Nações Unidas (ONU) e participa do Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) – mais tarde renomeado como Banco Mundial – e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Além disso, também começa a ser mais ativa em áreas como controle de armamentos, operações de paz, proteção do meio ambiente e comércio internacional (FOOT, 2010). LEITE (2018) destaca a participação da China na economia global, a maior e mais eficiente produção de mercadorias, a inserção internacional pacífica e a intensiva participação do aparelho de Estado chinês no processo de acumulação de capital. Dessa forma, a China tem avançado em direção a um regime de crescimento sustentável e ao desenvolvimento de suas indústrias, buscando expandir continuamente seu poder econômico, político e militar, e, consequentemente, consolidar uma posição cada vez mais relevante no Sistema Internacional.

Nesse cenário, destaca-se a participação chinesa no BRICS alinhada com a sua política externa de expansão e influência global. O BRICS surge no período pós-crise de 2008 como uma tentativa de reformar as instituições financeiras dominadas pelos países centrais do ocidente.

2. METODOLOGIA

O recorte temporal da pesquisa começa em 2009, ano que ocorreu a primeira reunião oficial do BRICS. Será utilizada uma abordagem qualitativa e analítica-descritiva com a finalidade de compreender a consolidação da estrutura internacional atual, a posição que China e BRICS ocupam nessa estrutura e como o BRICS contribui para a atuação chinesa.

Será feita uma análise de conteúdo das Declarações das Cúpulas anuais, a principal fonte primária do BRICS, disponíveis no *BRICS Information Centre* que disponibiliza o acesso *online* às declarações. Serão analisados os Planos Quinquenais, a partir do primeiro plano a ser lançado após a criação do BRICS. Assim, serão analisados o 12º Plano Quinquenal (2011-2015), 13º Plano Quinquenal (2016-2020) e 14º Plano Quinquenal (2021-2025), disponíveis *online* na *Xinhua News Agency*, a agência de notícias oficial do governo da República Popular da China. Os Planos acessados estão traduzidos para a língua inglesa.

Também serão analisados os últimos quatro relatórios do Congresso Nacional do Partido Comunista da China: 17º (2007), 18º (2012), o 19º (2017) e o 20º (2022), disponíveis *online*, os dois primeiros no site da embaixada da China no Nepal e os últimos na *Xinhua News Agency*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se em desenvolvimento, por isso ainda não foram obtidos resultados concretos para confirmar a hipótese sobre o BRICS ser uma das formas pelas quais a China pode construir consenso internacional.

Para ARRIGHI (1996), o Estado tem um papel importante nas transições de um CSA para outro e, consequentemente, na maneira como se dão as relações internacionais. O Estado é o responsável por criar instituições que irão estimular o desenvolvimento de cada CSA. Isso significa ser uma autoridade monetária capaz de garantir uma moeda competitiva e expansão de crédito, de captar poupança externa, de internalizar os custos do ciclo anterior e de sustentar sistemas diplomáticos e construir mecanismos de coerção e consenso.

O objetivo de reforma da governança global foi delineado nas quatro primeiras cúpulas do BRICS (BRIC, 2009, 2010; BRICS, 2011, 2012). ROBERTS et al. (2017) indicam que a postura do BRICS varia desde a pressão por reformas de instituições multilaterais, até a criação de opções externas, através de novas instituições multilaterais, e que as ações conjuntas dos BRICS são na sua maioria bem sucedidas.

O BRICS é um arranjo de cooperação multilateral com baixa (ou nenhuma) institucionalização. A cooperação no BRICS se desenvolve de acordo com as percepções dos membros sobre o cenário mundial, por meio de processos específicos, sem estabelecer limitações nas estratégias e iniciativas de cada país membro (DALDEGAN e CARVALHO, 2022). ARMIJO e ROBERTS (2014) destacam que por meio do BRICS a China exerce influência dentro de outras

instituições como o FMI, Banco Mundial e o G20, servindo como uma espécie de proteção à sua ascensão dentro do Sistema Internacional, formando uma base para a cooperação e exercendo sua influência informalmente. Por meio do BRICS, enquanto um de vários outros instrumentos, a China busca consolidar a sua posição como uma grande potência e promover a sua imagem como um país em desenvolvimento que está assumindo um papel mais ativo na arena internacional.

Nesse sentido, NIU (2013) aponta que a China busca ser uma potência sem enfrentar conflitos diretos e, por isso, precisa construir interesses e valores compartilhados internacionalmente cimentados no seu interesse nacional, multilateralismo e capacidade de inovação. O autor (2013) destaca que, com sua participação no BRICS, o país pode dividir com os demais países a pressão internacional que potências emergentes tendem a receber, ainda mais tendo em vista que China é tida como a principal dessas potências – apesar de todos membros do BRICS serem tanto economias importantes em suas regiões, quanto membros influentes da Organização Mundial do Comércio (OMC).

4. CONCLUSÕES

Ao longo da pesquisa, identificamos que a China, ao exercer sua influência no BRICS, busca reforçar sua presença e relevância no cenário internacional, não apenas econômica, mas também política e socialmente.

Os Ciclos Sistêmicos de Acumulação (CSA) mostram a necessidade de mudança no centro de acumulação do capitalismo mundial ao longo do tempo. A China, nesse contexto, emerge como uma força hegemônica em ascensão, alinhando-se com outras economias-chave do BRICS para remodelar as instituições financeiras e o sistema de governança financeira global, buscando um papel mais proeminente e equitativo. A flexibilidade do BRICS, caracterizada por uma baixa institucionalização, possibilita que a China crie ou se engaje outras organizações internacionais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMIJO, Leslie Elliott; ROBERTS, Cynthia. The Emerging Powers and Global Governance: Why the BRICS Matter. In: LOONEY, Robert (Ed.). **Handbook of Emerging Economies**. New York: Routledge, Forthcoming, 2014. p. 503-524.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim**: origens e fundamentos do século XXI. Boitempo Editorial, 2008.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**. São Paulo, Contraponto: UNESP, 1996.

BRIC. **Joint statement of the BRIC countries' leaders**. Yekaterinburg: University of Toronto, 2009. Disponível em:
<http://www.BRICS.utoronto.ca/docs/090616-leaders.html>. Acesso em: 02 set. 2023.

BRIC. **2nd BRIC summit of heads of state and government**: joint Statement. Brasilia: University of Toronto, 2010. Disponível em:
<http://www.BRICS.utoronto.ca/docs/100415-leaders.html>. Acesso em: 02 set. 2023.

BRICS. **3th BRICS Summit**: Sanya declaration. Sanya: University of Toronto, 2011. Disponível em: <http://www.BRICS.utoronto.ca/docs/110414-leaders.html>. Acesso em: 02 set. 2023.

BRICS. **4th BRICS summit**: Delhi declaration. New Dehli: University of Toronto, 2012 Disponível em:
<http://www.BRICS.utoronto.ca/docs/120329-delhi-declaration.html>. Acesso em: 02 set. 2023.

DALDEGAN, William; CARVALHO, Carlos Eduardo. Brics as a Dynamic and in Process Phenomenon of Global Planning: an analysis based on the 2009-2020 annual summit declarations. **Estudos Internacionais**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 117-147, abr. 2022. Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/25807>. Acesso em: 05 set. 2022.

FOOT, Rosemary. O poder chinês e a ideia de um país responsável. In: SPEKTOR, Matias; NEDAL, Dani (Orgs.). **O que a China quer?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 6-32.

LEITE, Alexandre César Cunha. O atual momento do desenvolvimento chinês: planejamento regional, investimento e comércio internacional. In: VADELL, Javier (Org.). **A expansão econômica e geopolítica da China no século XXI**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018. p. 259-283.

NIU, Haibin. A grande estratégia Chinesa e os BRICS. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 197-229, jan./jun. 2013. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292013000100007&lng=pt&tlang=pt. Acesso em: 30 out. 2022.

ROBERTS, Cynthia; ARMIJO, Leslie Elliott; KATADA, Saori N. **The BRICS and Collective Financial Statecraft**. New York, NY: Oxford University Press, 2017.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System I**: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century. California: University of California Press, 2011a [1974].

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System II**: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750. California: University of California Press, 2011b [1980].

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System III**: The Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730s-1840s. California: University of California Press, 2011c [1988].